



SACERDOTES QUE VIVEM “A PARTIR DE DEUS”

Oito padres de Lisboa celebraram as bodas de prata (25 anos) sacerdotais, com o Cardeal-Patriarca a sublinhar que “tudo o que aconteceu na vida destes nossos irmãos, acontece a partir de Deus”. **pág.05**

Lisboa

DIOGO PAIVA BRANDÃO



“SERVIR A IGREJA E O POVO DE DEUS”

Conheça as histórias de vida e de vocação dos quatro rapazes que vão ser ordenados sacerdotes neste Domingo, pelo Cardeal-Patriarca de Lisboa, no Mosteiro dos Jerónimos: António Ribeiro de Matos, Patrice Nikiema, Pedro Figueiredo e João Silva. **pág.02**

Destaque

Padre Batalha homenageado pelo município da Lourinhã **pág.05**

Quiz vocacional **pág.08**

Na relação com Deus, “não há nada de casual”, garante o Papa **pág.09**

Cardeal-Patriarca destaca “o grande contributo” do Opus Dei em Portugal

O Cardeal-Patriarca de Lisboa sublinhou o papel do Opus Dei na Igreja e no mundo. “Verifico e agradeço o que o Opus Dei nos tem dado para que tal aconteça, quer pelo lugar próprio que reconhece aos leigos, quer pelo apoio ao ministério sacerdotal, mutuamente complementares e em prol da santificação de cada fiel e do mundo em geral. Creio ser este, sobretudo, o grande contributo que a Obra nos tem dado em Portugal, estando certo de que assim continuará a ser”, considerou D. Manuel Clemente, na Tertúlia dos 75 anos do Opus Dei em Portugal, que decorreu na noite de 24 de junho, no Centro de Congressos de Lisboa.

Associando-se “com apreço e gratidão” a esta iniciativa, o Cardeal-Patriarca tinha começado por destacar a importância do fundador do Opus Dei, São José Maria Escrivá (1902-1975), para que “o entendimento do cristão não ordenado ganhasse a consistência e a autonomia que hoje felizmente lhe são reconhecidas”. “É neste ponto que releva e muito o pensamento e a ação do Fundador do Opus Dei, quer quanto ao entendimento da vida cristã em geral, quer quanto à identidade específica e à mútua relação entre sacerdócio ministerial e condição laical”, observou.

Intervenção na íntegra em www.patriarcado-lisboa.pt

Reportagem

“COMUNIDADES CRISTÃS SÃO EVANGELHO NO MUNDO”

Nos 50 anos de criação da paróquia da Pontinha, o Cardeal-Patriarca de Lisboa enalteceu o papel das comunidades cristãs, que se desdobram em “atenção aos outros”. **pág.06**



Pe. Alexandre Palma
O que será o futuro?

Pedro Vaz Patto
Dignidade humana

Opinião
pág.04

P. Nuno Rosário Fernandes
Rosto de Jesus no mundo

Editorial
pág.12

Ordenações presbiterais, nos Jerónimos

CRIADORES DE PONTES ENTRE AS PESSOAS E DEUS

São quatro os jovens, entre os 29 e os 32 anos, que vão ser ordenados sacerdotes neste Domingo, 4 de julho, pelo Cardeal-Patriarca de Lisboa, D. Manuel Clemente. Os diáconos Pedro Figueiredo, Patrice Nikiema, António Ribeiro de Matos e João Silva partilham as suas histórias de vocação com o Jornal VOZ DA VERDADE e frisam o desejo comum de servir a Igreja e o povo de Deus.

texto e fotos por Diogo Paiva Brandão



“ATADOR DE PONTAS, CONSTRUTOR DE PONTES”

Esteve no seminário durante seis anos e saiu quando faltava pouco mais de um ano para ser ordenado. Mas, passado um ano e meio, o agora diácono António Ribeiro de Matos regressou para mais dois anos de formação. “No tempo fora do seminário, a veia evangelizadora não só não desapareceu, como parecia ainda mais vincada. O que eu achava que estava fechado, afinal estava claríssimo”, partilha este jovem ao Jornal VOZ DA VERDADE. Originário da paróquia de Santo Condestável, António nasceu “numa família tradicionalmente cristã”, mas que “não tinha prática religiosa”. “A figura de referência católica é a minha avó materna. Ir passar o Domingo com ela era sinónimo de ir à Missa”, conta. Os pais inscreveram-no em colégios católicos, “o que foi importante” na educação na fé. Com 13-14 anos, António estava envolvido em grupos do colégio e no movimento de Schoenstatt, mas não ia à Missa... “Um Domingo, levantei-me e disse: ‘Até já’. Comecei a ir à Missa sozinho, mesmo com muitos altos e baixos”, testemunha, garantindo que “foi enriquecedor” e lhe “permite agora ter outra leitura” sobre as vidas que lhe vão ser confiadas. Após o liceu, viveu um tempo em Inglaterra e regressou, para tirar a licenciatura em Gestão de Marketing, ligou-se às Equipas de Jovens de Nossa Senhora, fez a Missão País, onde conheceu o padre Nuno Amador. No verão de 2011, ‘recebeu’ uma “bênção encapotada”. “Tive um acidente de carro – com a graça de Deus, até nem saí mal, mas podia ter morrido ali –, percebi que não estava a viver bem a vida e surgiram perguntas que já andavam den-

tro de mim desde o 8.º ano: ‘E se Deus me chama a ser padre? O que Deus quer de mim?’. Naquele dia, fui contra um muro, mas se calhar também fui contra uma pergunta...”. Em 2012, a decisão de ir para o seminário “foi um momento duro”, sobretudo para a avó e a mãe. “A minha irmã, com menos três anos e meio, ficou muito alegre e o meu pai disse-me uma coisa muito bonita: que me apoiava sempre, fosse no dia em que voltasse para casa ou no dia em que fosse padre”. Seguiram-se três anos no Seminário de Caparide, um “tempo maravilhoso”. “Foi a descoberta de mim, de Deus e da Igreja”. Vai depois para o Seminário dos Olivais e no início do 5.º ano, em 2017, deixa o seminário, passando “a servir na paróquia de Santo Condestável e na capelania da Universidade Católica” e a “trabalhar para a pastoral dos Salesianos de Lisboa”. Esteve ainda um mês como voluntário na Jornada Mundial da Juventude no Panamá, em 2019. “Foi a realidade que me mostrou aquilo para que o meu coração foi criado”, recorda, a propósito do regresso ao seminário, nesse ano. “Desejo muito poder ser um padre que cria pontes, mas sobretudo que cria a ponte entre a vida das pessoas e Deus. Digo muitas vezes: atador de pontas, construtor de pontes. Não numa teoria, mas porque o vivo”, expressa.



António Ribeiro de Matos

31 anos

Paróquia de Santo Condestável

“É PARA AQUI, SENHOR? ENTÃO, VAMOS!”

Foi pelos escuteiros marítimos que o diácono João Silva diz ter sido “apanhado por Deus” para a ordenação, segundo conta ao Jornal VOZ DA VERDADE este jovem, que se licenciou em Animação Sociocultural antes de entrar no seminário. João é natural de Caneças, onde foi batizado aos cinco anos – “depois de muita insistência da minha santa avózinha paterna” –, mas considera que o seu percurso cristão foi sempre “muito irregular”. No final dos anos 90, com 7-8 anos, entra nos escuteiros e na catequese, em Caneças, mas em 2003 muda-se para os Escuteiros Marítimos de Belém, onde fica até 2008. Este agrupamento vive então “uma fase complicada” e decide sair. “Conheci os Escuteiros Marítimos do Parque das Nações no centenário do Jamboree Mundial, em 2007, e foi aí que fui conhecendo Jesus mais a fundo”, salienta. Ao acabar a quarta secção, dá-se conta que não sabia o que era ser escuteiro católico. “Se o agrupamento não fosse à Missa, eu também não fazia grande questão”, recorda. Foi procurar, “na internet”, e diz ter feito “asneira”. “Fiquei baralhado. Cheguei mesmo a pensar que isto de ser cristão não era para mim”, observa. O gosto pelos escuteiros marítimos falou mais alto. “Acho que foi por aqui que Nosso Senhor me apanhou... Eu gostava mesmo daquilo e valia a pena investir e perceber o que é isto de ser cristão”. Começou “a ser acompanhado”, a “ir à Missa”, confessou-se “pela primeira vez em muito tempo” e introduziu “ritmos de oração”. “Nosso Senhor foi encontrando a porta aberta e foi-me pondo este desafio”. João dis-

se ‘Não’. “O meu objetivo era constituir uma família cristã e dedicar-me aos escuteiros marítimos até ser velho. Tinha o plano todo feito, mas Nosso Senhor tinha outra coisa para mim... Voltei a dizer ‘Não’ e andei na luta, mas Nosso Senhor ganhou-me pela exaustão: sempre que eu ia rezar, vinha a pergunta. Aceitei, para perceber, e falei com o padre Paulo Franco, que ficou muito admirado e me encaminhou para o Pré-Seminário”, conta. Este jovem tinha 21-22 anos. “Fui percebendo que isto é um caminho que tem alguma coisa de Deus. A serenidade que sentia, o bom ambiente criado, os momentos de oração”, explica. João Silva esteve três anos no Seminário de Caparide e os últimos quatro no Seminário dos Olivais. “O seminário foi esta descoberta do caminho, com lutas, com desilusões, com desafios, mas foi um descobrir-me, um descobrir Deus e a Igreja, conhecer as paróquias, os movimentos e a dimensão teológica e teórica”, frisa, garantindo que os pais, “quando perceberam que isto era sério”, “sempre” o apoiaram. “Chego aqui com uma grande alegria, com uma expectativa grande. Procuro ter a atitude: ‘É para aqui, Senhor? Então, vamos!’. Tenho a expectativa de servir o povo de Deus, de ser o melhor que puder ser”, termina.



João Silva

30 anos

Paróquia do Parque das Nações

ORDENAÇÃO DE UM DIÁCONO VERBITA

Além dos quatro novos padres para a Diocese de Lisboa, vai ser ainda ordenado diácono, com ânimo de ascender ao presbiterado, Daniel Mateque-me Mateus, da Congregação dos Missionários do Verbo Divino.



TRANSMISSÃO EM DIRETO

A celebração das Ordenações, neste Domingo, 4 de julho, às 16h00, vai ser transmitida em direto pelas redes sociais (YouTube e Facebook) do Patriarcado de Lisboa e do Jornal VOZ DA VERDADE, e também no site da diocese (www.patriarcado-lisboa.pt).



“TER UM CORAÇÃO DE MISSIONÁRIO”

Filho de emigrantes do Burkina Faso, o diácono Patrice Nikiema nasceu na Costa do Marfim e vai agora ser ordenado sacerdote para o Patriarcado de Lisboa. “Que o Senhor me dê um coração de missionário”, é o desejo deste jovem, expresso ao Jornal VOZ DA VERDADE. Quinto de seis irmãos, Patrice explica que o pai foi o primeiro a emigrar, para terminar os estudos em carpintaria. “Nasci numa família cristã e foi na família que comecei a minha relação com Deus”, apresenta-se, sublinhando que fez “o percurso normal da catequese”. Após o nascimento dos filhos, os pais conheceram o Caminho Neocatecumenal. “Na família, havia a oração das Laudes aos Domingos de manhã e oração diária”, testemunha. No ano 2000, “um acontecimento muito importante vai mexer” com a vida de Patrice. “Aos 11 anos, faleceu o meu pai devido a um problema no coração. Eu não aceitei e trouxe momentos de rebeldia e

a pergunta: ‘Onde está Deus?’”, partilha. Patrice deixou “de dar importância às coisas da Igreja e de ir à Missa”. Passados dois anos, a mãe convida-o “a ouvir as catequeses do Caminho Neocatecumenal”, para entrar numa comunidade. “Aceitei, mas ia com uma certeza: o meu pai morreu, então eu ia morrer também. Havia um combate dentro de mim, com o sofrimento que eu tinha, e posso dizer que sou fruto de uma rebeldia e de um resgate de Deus, que vem salvar alguém que estava a resistir”, assume. Os catequistas da sua comunidade ajudaram-no “bastante”. “Foi uma coisa belíssima, entender que a Cruz foi a minha salvação. Sem isso, não perceberia que Deus é meu Pai”, frisa. Com 16 anos, Patrice vai para o Burkina Faso terminar o liceu. O chamamento despertou aos 20 anos. “Foi numa Eucaristia, onde disseram: ‘Se queres ser amado e amar os outros, segue-Me’. Eu disse que quero ser amado e amar os outros”,

recorda. Dois anos depois, em 2011, é convidado a ir à Jornada Mundial da Juventude de Madrid, onde sentiu “verdadeiramente este chamamento vocacional”. “Senti mesmo forte”, assegura. Regressou ao Burkina Faso, para estudar Letras Modernas na universidade e continuar o discernimento. No ano seguinte, Patrice é convidado para o retiro em Porto San Giorgio, Itália, no centro do Caminho Neocatecumenal. “Lá, soube que o meu destino ia mudar. Estava com medo e ansiedade, e convidaram-me a abrir o Evangelho ao acaso e calhou o anúncio do Anjo à Virgem Maria, que diz: ‘Não temas’. Isso ajudou-me a não ter medo”. Este jovem foi então destinado a Lisboa, onde chegou a 19 de setembro de 2012, para o Semi-

nário ‘Redemptoris Mater’, em Caneças. Estudou na Universidade Católica e, em 2017, foi em itinerância, para um ano de missão em França e dois no Gabão e Guiné Equatorial. “É importante esta abertura à missão, que me ajudou a crescer. É isto que eu desejo: que o Senhor me dê um coração de missionário”, ambiciona.



Patrice Nikiema, 32 anos
Burkina Faso

“FAZER O QUE DEUS QUER”

Licenciou-se em Gestão, antes de entrar no seminário. Hoje, o diácono Pedro Figueiredo diz sentir “uma grande felicidade” e “uma grande vontade de fazer o que Deus quer”. “Estamos nas mãos de Deus. Não temos morada permanente em lado nenhum, mas uma grande vontade de servir o povo de Deus, onde quer que ele esteja”, salienta ao Jornal VOZ DA VERDADE. Natural da Charneca, uma aldeia situada entre o Pé da Serra de Sintra e a praia do Guincho, Pedro foi batizado em Sintra, mas com a separação dos pais foi viver para Lisboa, onde faz a Primeira Comunhão e anda na catequese, apesar de não se lembrar “praticamente de nada”. Andou no Lar da Criança, na Lapa, no Liceu Pedro Nunes e foi para os Salesianos de Lisboa, tendo sido “uma boa vítima da pastoral deles”, sentindo-se “marcado” pelo testemunho de São Domingos Sávio. Apesar disso, entre o 7.º e o 12.º ano, largou “a fé” e gostava era de “ser fixe”

e “sair à noite com os amigos”. “Deus foi posto completamente de lado”, recorda. Na universidade, após um acidente com o carro do pai, fica sem dinheiro para uma viagem à neve com os amigos e acaba “por ir parar à Missão Países”, onde conhece “muitos católicos que davam as razões da sua esperança”. “Fico absolutamente entusiasmado. É aí que sou tocado por Deus”, frisa. Nesta experiência, no Fundão, um amigo convida-o a confessar-se. “Foi uma experiência daquelas de ‘rapa o tacho’, em que pedi ajuda ao padre para fazer um exame de consciência como deve ser, e tive aquele sentimento de toque de Jesus”. Contudo, ainda não se podia falar, “de todo”, de uma inquietação vocacional. Ser padre era algo que “nunca” lhe tinha “passado pela cabeça, sequer”. “Verdadeiramente”, reforça. Este jovem tinha 18 anos e começou a sentir “uma grande alegria”, a “ir à Missa ao Domingo”, a “rezar o Terço”, a “fazer for-

mação com o Opus Dei” e é então encaminhado pelo padre Hugo Santos para o padre Mário Rui – “uma pessoa que me marca muito” –, passando a integrar o grupo de acólitos da paróquia de São Nicolau. “Em oração, percebo que sou chamado a acabar o curso de Gestão, mas eu queria era saber da Teologia”. Pedro entra no Seminário de Caparide em 2014. “Entrei cheio de mim. O seminário ajudou-me a perceber que isto não é sobre ti, isto é Deus a querer pegar em ti para fazer a vida dos outros, para te entregares aos outros”, aponta, destacando o trabalho dos diretores espirituais. Após três anos, vai para o Seminário dos Olivais, onde está há quatro. “O que mais guardo deste tempo é a transformação que Deus fez em mim.

Foi transformar o coração e perceber que é Jesus que vai operar através de ti”, acrescenta. Após a ordenação, é tempo de “servir o povo de Deus”. “A grande expectativa é ser o melhor padre que Deus quer que eu seja e entregar a vida à comunidade que me for confiada”, deseja.



Pedro Figueiredo, 29 anos
Paróquia de São Nicolau

OS (FUTUROS) NOVOS PADRES E A JMJ LISBOA 2023



“A JMJ é a graça de tocarmos a diversidade e unidade da Igreja! Em cada um que nos visita, é Deus que vem ao nosso encontro. Como Maria, partamos apressadamente para esta missão que o Papa nos confia.”

Diácono António Ribeiro de Matos

“Que a JMJ Lisboa 2023 dê aos jovens a possibilidade de abrirem o coração a Jesus, sobretudo aqueles que não O conhecem, e deixarem que Ele transforme as suas vidas.”

Diácono João Silva

“Recordo uma frase do Papa João Paulo II e junto-a ao tema da JMJ Lisboa 2023: não tenhamos medo de nos pormos a caminho e de seguir Jesus Cristo. Apressadamente, como Maria!”

Diácono Patrice Nikiema

“Escancarar as portas da cidade de Lisboa a Jesus, com toda a disponibilidade e entusiasmo, e colaborar com a diocese e com todas as entidades.”

Diácono Pedro Figueiredo



Pe. Alexandre Palma

O que será o futuro?



Esta pandemia apanhou-nos desprevenidos. Por isso, apanhou-nos impreparados. Com o vírus e o seu sobressalto veio a tentação de prever o futuro. E nesse particular não nos mostrámos mais competentes do que no controlo dos contágios. A pandemia, segundo alguns, seria uma reacção da natureza e os confinamentos por ela impostos far-nos-iam adoptar condutas mais ecológicas. Com tudo fechado em casa, essa profecia parecia confirmada pela diminuição da poluição das nossas cidades. Um ano volvido, percebemos que ainda não foi desta que se restabeleceu a necessária harmonia com o meio ambiente. Produzimos agora mais lixo do que antes da pandemia. Considerem-se, por exemplo, as máscaras espalhadas um pouco por toda a parte. Este é um sinal eloquente do quanto eram optimistas essas previsões iniciais.

A pandemia iria revolucionar o mundo do trabalho. E, ao contrário do que habitualmente sucede nas questões laborais, com acordo fácil entre empregadores e trabalhadores. A generalização do teletrabalho tornaria desnecessário dedicar grandes

espaços para as actividades profissionais. Mais importante ainda, este novo mundo permitiria um reequilíbrio entre trabalho e outras dimensões da vida. O ano que passou permitiu colocar à prova tal previsão. Os horários profissionais foram pulverizados. Neste novo paradigma, o trabalhador está sempre *online*. Percebemos, além disso, que o teletrabalho também gerou tensões na esfera doméstica e familiar. Acresce que sentimos uma imprevisada saudade das rotinas e dos colegas de trabalho. Uma vez mais, a previsão mostrou-se mais um desejo que uma realidade.

A pandemia daria um novo protagonismo às novas gerações. Para protecção dos mais velhos, particularmente vulneráveis às consequências do vírus, avançaram os mais novos. Como noutros momentos críticos do nosso passado, os jovens elevaram-se e mostravam-se à altura das circunstâncias. Expunham-se, generosamente, para dar assistência aos mais idosos ou para fazer companhia aos mais sós. Em sociedades envelhecidas, emergia assim a promessa de um tempo em que a juventude garantiria a qualidade do nosso futuro

comum. E eis que esses mesmos jovens, elogiados há apenas um ano pela sua conduta no combate aos efeitos da pandemia, são agora incluídos entre os responsáveis por sucessivos focos de contágio. A eles se imputam as mais intensas expressões de fadiga pandémica e de desobediência às indicações sanitárias. Estranha inversão de papéis, em tão pouco tempo.

Também no espaço eclesial nos aventurámos a tentar antecipar o futuro. Neste caso, talvez, de forma mais contrastante. A súbita suspensão da normal actividade pastoral anunciava ora um tempo temível ora uma oportunidade de mudança. O distanciamento impunha a quebra de um laço indispensável para a construção de comunidades: a presença, a companhia, a relação, a celebração. Com o previsível efeito de, face ao delongar-se da situação, muitos virem a perder por completo esse laço ou de nunca o chegarem a estabelecer. Ao mesmo tempo, vimos nesta situação o acelerador de uma transformação que tardávamos em abraçar. Por força das circunstâncias, abrir-se-iam novos canais e formas de vida comunitária. O *online* tornava-se, enfim, um ambiente eclesial. Por um tempo o único acessível, mas no futuro complementar do que estávamos habituados a fazer. Permitindo assim estar mais presente na vida dos cristãos prati-

cantes e chegar àqueles mais distantes. O problema com as previsões do futuro é que elas estão demasiado condicionadas pelos nossos medos e esperanças. É certo que sempre nos inquietámos com o futuro. Tentar antecipá-lo está inscrito no nosso DNA e evolução. Mas falhar essas previsões faz também parte do processo. Não o esqueçamos. Seja pelos limites da nossa análise, seja pela complexidade da realidade, seja porque a história não é sempre linear. Talvez o melhor seja mesmo esperar um pouco mais para conhecer o futuro.



Pedro Vaz Patto

Dignidade humana



Notícias recentes davam conta de um documento apresentado num congresso político em que se afirmava que a espécie humana é apenas uma entre outras espécies animais dignas de protecção. Os partidos animalistas vão ganhando cada vez mais adeptos em vários países. Das suas agendas constam propostas de promoção do bem-estar animal que poderão ser aceitáveis para além da ideologia que a elas possa estar subjacente. Mas importa considerar a ideologia que se reflete em afirmações como essa, como se fossemos «todos iguais, todos animais». Uma coisa é reconhecer deveres humanos de protecção dos animais, outra é reconhecer direitos aos animais, no mesmo plano em que se reconhecem direitos humanos. O chamado anti-especismo rejeita qualquer ideia de superior dignidade do ser humano em relação a outras espécies (essa superioridade seria expressão de especismo e este equiparável ao racismo e ao sexismo). O animalismo é com frequência apresentado como um alargamento dos direitos

merecedores de protecção, como se estivesse em causa apenas um regime mais benévolo e de extensão a outras espécies dos direitos reconhecidos aos seres humanos, sem quaisquer limitações destes. Não é assim, porém. Já tem sido defendido, com base nos princípios anti-especistas, que animais não humanos sejam mais merecedores de protecção do que seres humanos desprovidos de capacidades intelectuais (como embriões e fetos, crianças recém-nascidas, pessoas com deficiência ou dementes). Mas a dignidade da pessoa humana não depende dessas capacidades, depende da simples pertença à espécie humana, depende do *ser* e não do *poder fazer*, e não se perde com a doença ou a deficiência

Pretender equiparar em dignidade as várias espécies animais tem conduzido a propostas absurdas. Não é apenas a proibição de consumo de carne e peixe, é também a suposta obrigação de protecção de insetos e animais que representam perigo para a saúde humana, de respeito por zonas territoriais onde animais selvagens

seriam soberanos, ou de protecção de animais contra agressões de outros, da mesma ou de outra espécie.

Nem todos se apercebem, verdadeiramente, do que está em jogo: trata-se da desconstrução de uma preciosa aquisição moral e civilizacional. Pretende-se anular o que «é próprio do ser humano» (*Le propre de l'homme* é o título de um recente livro do filósofo francês Rémi Brague sobre esta questão, que ele encara na perspectiva de uma «legitimidade ameaçada»). A dignidade humana é a base de todo o edifício ético e jurídico dos direitos humanos e encontra apoio na visão bíblica do ser humano «criado à imagem e semelhanças de Deus» e na visão cristã da pessoa humana chamada a partilhar a vida do Deus uno e trino. A reflexão racional desde tempos imemoriais também tem reconhecido a especificidade do ser humano, além do mais como agente moral, sujeito de direitos, mas também vinculado a deveres. Por isso, os seres humanos reconhecem o dever moral de protecção de outras espécies animais, algo que não sucede com nenhuma dessas espécies.

Ignorar o que «é próprio do ser humano» não é enaltecer outras espécies, é rebaixar a espécie humana. É ignorar a dimensão

espiritual específica do ser humano, reduzindo-o à sua dimensão material. Por muito que se vão conhecendo aspetos do comportamento de alguns animais que os aproximam dos seres humanos, mantém-se sempre uma especificidade que marca a diferença entre uns e outros, uma diferença ontológica, de qualidade e não apenas de grau. Não pode ser apagado ou desvalorizado o património de realizações especificamente humanas, como a religião, a arte, a filosofia ou a ciência. O animalismo não pode superar o humanismo. Não se pode deixar de falar em dignidade humana.





Encontro da Pastoral Prisional

O encontro nacional de colaboradores da assistência espiritual e religiosa prisional e de voluntários prisionais, organizado pela Coordenação Nacional da Pastoral Penitenciária, realiza-se em Fátima, no Hotel de Santo Amaro, no dia 10 de julho e tem como tema ‘Entrou na casa dum pecador’ (Lc 19,7)



CASA DO OESTE

Padre Batalha homenageado “Medalha não é minha, mas de todos”

O padre Joaquim Batalha, pároco de Ribamar, foi homenageado pelo município da Lourinhã com a Medalha Municipal de Honra. Uma distinção, recebida no dia do município, a 24 de junho, que o sacerdote partilhou com todos. “Um obrigado, é pouco. Este obrigado, numa homenagem tão grande, ficar só para mim, era mal. Porque aquilo que sou, devo-o a muitos milhares de pessoas. Reconheço que Deus, também comigo, realizou grande coisas convosco e no meio de vós. Nestes 49 anos, desde que comecei a percorrer os caminhos da Lourinhã, esta medalha não é apenas atribuída à minha pessoa, mas à Casa do Oeste e a toda a gente e a toda a sua atividade”, referiu o padre Batalha, na Sessão Solene Evocativa do Dia do Concelho, que decorreu no auditório da Associação Musical e Artística Lourinhanense.

Bodas de prata sacerdotais de oito padres de Lisboa

“Oração sustenta uma vida sacerdotal”

O Cardeal-Patriarca de Lisboa convidou a Igreja a rezar pelas vocações sacerdotais. Na celebração das bodas de prata (25 anos) sacerdotais de oito padres da diocese, D. Manuel Clemente testemunhou como estes sacerdotes vivem “a partir de Deus”.



“Nada acontece na vida da Igreja, e muito menos no caminho sacerdotal, que não seja sustentado pela oração da Igreja. Tantas vitórias, da alma e outras, se conseguem, tantas dificuldades se ultrapassam, quando tudo é sustentado pela oração da Igreja. É exatamente na oração da Igreja que surgem as vocações sacerdotais. Se não temos mais vocações, é exatamente porque a oração não chega. É com a oração que se sustenta uma vida sacerdotal e tudo aquilo que é apostolado na Igreja”, assegurou o Cardeal-Patriarca. Na Igreja de Santa Catarina, em Lisboa, na manhã do dia 29 de junho, Solenidade de São Pedro e São Paulo, D. Manuel Clemente considerou que a vocação sacerdotal “é sobretudo um percurso divino”. “Nenhum de nós seria capaz de confessar, só por si, que Jesus é o Messias. Isto não vem da nossa capacidade humana. Tudo o que aconteceu na vida destes nossos irmãos, acontece a partir de Deus. Vinte e cinco anos é muito tempo numa vida de sacerdócio, na vida de todos os dias, nas dificuldades que se enfrenta. Porque não é fácil anunciar a este mundo que a

salvação é Jesus Cristo. E isso só se consegue a partir de Deus”, observou.

O curso de São Bento foi ordenado em 1996, pelo Cardeal Ribeiro, sendo os últimos sacerdotes a serem ordenados pelo antigo Patriarca de Lisboa. Nesta celebração, o padre António Pedro Boto de Oliveira, em nome dos sacerdotes, sublinhou que este era um dia para dar “graças” a Deus. “O dia 29 de junho de 1996 ficou marcado na nossa

vida como o dia da entrega total. Esse dia mudou e desafiou a nossa história futura. Avizinhava-se um caminho cheio de desafios. E esse caminho, esta história veio, viveu-se e vive-se. Alegrias, dúvidas, dificuldades, enfim, tudo o que for parte da vida. Mas a beleza está precisamente aí. A beleza de ser padre está naquilo que damos”, assegurou o pároco de Santa Catarina e Mercês.

texto e fotos por Diogo Paiva Brandão



O curso de São Bento, ordenado em 1996, inclui (da esq. para a dir.) os padres Carlos Marques (pároco da Silveira), Ricardo Ferreira (vigário judicial), Jorge Anselmo (colaborador de Santa Catarina e Mercês), António Pedro Boto de Oliveira (pároco de Mercês e Santa Catarina), Armindo Reis (pároco de Sintra), José Luís Costa (pároco de Paço de Arcos), José Miguel Pereira (reitor do Seminário dos Olivais) e Jorge Doutor (vigário paroquial de Sintra).



Após financiamento Ordem de Malta adquire clínica móvel

A Ordem de Malta Portugal recebeu um financiamento para a aquisição de uma unidade médica móvel, para realizar consultas junto de populações desfavorecidas. O apoio foi concedido pelo ‘Global Fund for Forgotten People’. “O projeto vai permitir a aquisição e equipamento adequado de uma unidade médica móvel, possibilitando a prestação de cuidados de saúde, nomeadamente odontológicos, por médicos e enfermeiros voluntários, a 140 crianças residentes em instituições públicas de Lisboa e Porto”, frisa um comunicado, sublinhando que a viatura vai também “oferecer serviços de saúde a 100 crianças de famílias desfavorecidas de quatro aldeias remotas no Norte de Portugal”.



Aos 96 anos Faleceu o padre António Valdomiro Lusitano Leal

Faleceu no passado dia 27 de junho, na Casa Sacerdotal, o padre António Valdomiro Lusitano Leal, de 96 anos. Natural da Diocese da Guarda, o sacerdote foi ordenado no Patriarcado de Lisboa, a 18 de dezembro de 1948, e exerceu o seu ministério no Colégio Militar, na Rádio Renascença e nas paróquias de São Sebastião da Pedreira, São João de Brito, em Lisboa, e Oeiras, entre outros lugares. A missa exequial do padre António Valdomiro Lusitano Leal foi presidida pelo Cardeal-Patriarca de Lisboa, D. Manuel Clemente, no dia 28 de junho, na igreja de São Sebastião da Pedreira, em Lisboa. O sacerdote era membro da Irmandade de São Pedro do Clero.

Cáritas de Lisboa e Boa Vizinhança assinam protocolo Uma parceria para ajudar famílias desprotegidas, pobres e excluídas

A Cáritas Diocesana de Lisboa (CDL) e a Associação Boa Vizinhança Santo António celebraram um Protocolo de Parceria, por cinco anos, para ajudar famílias necessitadas.



Nas palavras do presidente da CDL, Luís Macieira Fragoso, o momento formalizou a cooperação que, na prática, já existia, sendo o protocolo a real materialização de um dos objetivos estratégicos da atual direção. “Ter uma atuação subsidiária, evitando duplicações, e apoiando instituições, como a Boa Vizinhança, onde militam muitos católicos que estão no terreno, com importantes resultados nas ações de inclusão e autonomização de famílias desprotegidas, pobres e excluídas”, salienta um comunicado da instituição.

O protocolo foi assinado no final da manhã do passado dia 24 de junho, na Loja Social Dona Ajuda (Rato, Lisboa), com a presidente da Boa Vizinhança, Cristina Veloso, a sublinhar que se tratava, de facto, de um

“namoro”, que agora dava o passo do “casamento”. Esta responsável referiu-se ainda “à constante presença da Cáritas na sua vida, e que era uma enorme alegria poder fazer parte desta grande rede da Igreja”, frisa a nota, reforçando que “as duas instituições se comprometeram em colaborar nas respostas a dar a quem precisa de ajuda”.



50 anos da criação da Paróquia da Sagrada Família da Pontinha

“FAZER CHEGAR A MENSAGEM A TODOS”

“Ser Evangelho no mundo” é a razão de existirem as paróquias, lembrou o Cardeal-Patriarca de Lisboa na celebração que assinalou os 50 anos da criação da paróquia da Pontinha. Ao Jornal VOZ DA VERDADE, o pároco, frei José Morais, aponta os principais desafios pastorais desta paróquia da Vigararia Lisboa V que procura um modelo paroquial que vá para além do “contexto geográfico”.

texto e fotos por Filipe Teixeira

“Tenho a certeza que, ao longo de 50 anos, muita gente construída e reconstruída pelo Evangelho de Cristo, pela sua Palavra, pela força dos seus sacramentos, continuou a fazer Evangelho, aqui, nesta paróquia da Pontinha”, observou o Cardeal-Patriarca de Lisboa, na celebração que assinalou os 50 anos de criação desta paróquia da Vigararia Lisboa V. “Ser Evangelho no mundo” é a razão para que existem as paróquias, acrescentou.

Na Missa celebrada no último Domingo, 27 de junho, no espaço adjacente à capela de Santo António, no bairro do Casal do Rato, D. Manuel Clemente destacou ainda o final do episódio evangélico da cura da filha de Jairo – lido na celebração – que mostra a “atenção global” que Jesus tem a tudo, ao pedir para dar de comer à menina que estava a morrer, depois de a curar e de lhe dizer «Talita Kum», que significa: «Menina, Eu te ordeno: Levanta-te». “Aqui, nestes 50 anos da paróquia da Pontinha, bem como em cada comunidade cristã, é isto que acontece e é isto só que deve acontecer, ou seja, tudo o que Jesus disse e fez diretamente enquanto andou neste mundo, agora, ressuscitado, quer fazer através daqueles que recebem o seu Espírito, para continuar a acontecer. E acontece! Nem sempre é o que vem nas notícias, mas aquilo que acontece de bonito em todas as comunidades cristãs espalhadas por esse mundo é exatamente o que nós acabámos de ouvir. Tantas comunidades onde, pela vida dos cristãos e cristãs que lá estão, gente em quem o Espírito de Jesus Cristo trabalha, existe esta atenção aos outros, uma atenção a tudo”, apontou. “Deus não desiste do mundo, com Cristo está sempre connosco, o Espírito de Cristo revive nos cristãos, as comunidades cristãs são Evangelho no mundo”, resumiu.

Chegar a todos

Apesar dos “50 anos de caminhada”, há ainda “muito caminho a fazer”, como atesta o ‘slogan’ da imagem de divulga-

ção da efeméride e sublinha o atual pároco da Pontinha, frei José Morais. “Há sempre um desafio grande que é o de fazer chegar a Mensagem a todos e não só àqueles que estão afastados e adormecidos na fé”, aponta este sacerdote franciscano, que está nesta paróquia desde 2016. A partir do retrato da população, feito ao Jornal VOZ DA VERDADE, o frei José Morais garante que a maioria das pessoas que ali habitam “são religiosas” e isso fica demonstrado, anualmente, na procissão das velas, “sempre muito participada”, que se realiza no mês de maio. “Na peregrinação anual a Fátima, a paróquia tem levado cerca de 15 autocarros. Depois, lá em Fátima, costumávamos fazer a Via-Sacra, com a participação de mais de 600 pessoas. E também existe um grupo de peregrinos a pé, que já chegaram a ser 80”. Este responsável acredita, por isso, que “as pessoas estão atentas e recetivas a estas iniciativas”, mas deseja “meios

para que estas ações “não sejam apenas algo pontual e episódico, mas que tenham continuidade”. “Tudo isto é um desafio, é um sinal de que há muito caminho a fazer”, garante.

Desafio para todos

O decreto de criação da paróquia, assinado a 28 de junho de 1971, pelo Cardeal Cerejeira, foi lido no início da celebração do último Domingo e identificava, naquela zona, então pertencente à paróquia de Odivelas, “um agregado homogéneo” em crescimento. Ao longo dos anos, esta “porção do povo de Deus” foi alimentando o ‘sonho’ da construção de uma nova igreja paroquial com maior capacidade e mais “central” do que a atual. Com o tempo e com impasses burocráticos, o terreno da nova igreja foi sendo “empurrado para a periferia” e, atualmente, a paróquia “não dispõe dos meios para construir uma igreja”, reconhece

frei José Morais. A construção de novos acessos rodoviários, feita ao longo dos anos, e a consequente facilidade na mobilidade das pessoas, acrescentou ao ‘sonho’ uma necessidade ser repensado tendo em conta um novo modelo de paróquia, marcado pela mobilidade. “Por exemplo, há muita gente que vai à Missa a Alfovelos porque, depois de aberta uma avenida, para muitos dos que vivem numa das zonas mais populosas da Pontinha, a igreja de Alfovelos fica a 300 metros e o caminho não é tão inclinado como para a igreja paroquial da Pontinha. E acontece o mesmo com a igreja de São Lourenço de Carnide”, indica. “Hoje em dia, nas cidades, as pessoas frequentam a igreja que lhes fica ‘mais à mão’ ou que tem o padre com que se identificam. Há a possibilidade de escolha. A nova igreja é um desafio para todos. Agora, falta o concretizar, o saber como e de acordo com um novo modelo de paróquia, que



Frei José Morais é o pároco da Pontinha desde 2016



não é apenas o contexto geográfico. É um desafio pastoral que se coloca”, assegura o pároco da Pontinha.

Paróquia de vocações

Desde a sua criação, há meio século, que a Paróquia da Sagrada Família da Pontinha foi confiada ao cuidado dos sacerdotes da Ordem dos Frades Menores (Franciscanos). Ao longo dos anos, foram cinco os pontinhenses que se sentiram chamados a seguir a vida consagrada, e quase todos na família franciscana: o padre frei Luís Oliveira, o padre frei Sérgio Góis (ordenado sacerdote no ano passado), o padre Mário Campos e a irmã Maria Teresa Ramos. “Presença e testemunho” são os ‘ingredientes’ destas vocações, garante frei José Morais, que nestes 50 anos da criação da paróquia pretende apresentar o testemunho de cada uma destas vocações. “Algo a ser levado a cabo, ao longo do ano, serão alguns encontros onde as vocações da paróquia possam dar o seu testemunho”, revela.

Na condução da paróquia, frei José Morais tem a apoiá-lo “mais permanentemente” o frei José Silvestre. Ao encargo destes sacerdotes, e sempre com o apoio de outros confrades que pertencem à comunidade franciscana do Seminário da Luz, estão seis comunidades ou lugares: Pontinha, Santa Maria, Santo Elói, São José, Santo António e São Pedro. O ritmo do trabalho deste último ano, devido à pandemia, obrigou a várias mudanças no funcionamento da paróquia, começando, desde logo, por “um maior número de utentes assistidos pelo apoio domiciliário do centro social”, devido ao confinamento, mas “não se registou um aumento significativo de pedidos de ajuda alimentar” que, na paróquia da Pontinha, são geridos pelo ‘Grupo de Ação Social’, “constituído por voluntários e que, juntamente com a distribuição de roupas, ajudam cerca de 40 famílias”.

Nas diferentes realidades pastorais, a pandemia “provocou um abrandamento do ritmo” das atividades, mas não apagou a esperança de voltar à assiduidade anterior, com a catequese a ter aproximadamente 400 crianças ou o grupo de jovens com cerca de 30, que, desde o início da retoma das eucaristias, depois dos confinamentos, tem sido uma “ajuda preciosa” para garantir o acolhimento e o cumprimento das orientações sanitárias nas celebrações. Ao Jornal VOZ DA VERDADE, frei José Morais salienta ainda a “sintonia” da pastoral juvenil com as propostas diocesanas e da vigararia e, mais concretamente, com a mobilização na preparação da Jornada Mundial da Juventude Lisboa 2023.



PADRE FREI ANTÔNIO FRANCISCO MARQUES: O PRIMEIRO PÁROCO, QUE FOI BISPO

O primeiro pároco da Pontinha, em 1971, foi o padre frei António Francisco Marques, que acumulou, então, com a paróquia de Carnide, onde estava há quase 20 anos. Este sacerdote esteve apenas um ano como pároco da Pontinha, tendo sido eleito, em 1972, provincial dos Franciscanos e, em 1975, foi nomeado como primeiro bispo da Diocese de Santarém, onde esteve até à data da sua morte, em 1997, aos 70 anos.





Quiz Vocacional

Ainda antes de começar as férias, aqui vai um teste de escolha múltipla. Pode ver o resultado na nossa página: <http://vocacoes.patriarcado-lisboa.pt>.

1 - O que quer dizer Vocação?

a) É a resposta à iniciativa de Deus que chama, na consciência de que ser filho de Deus é não ser dono da própria vida mas antes recebê-la das mãos de Deus como dom e projeto e a construí-la segundo os planos do Autor divino.

b) É quando Deus chama duma maneira barulhenta e eu posso ou não responder dependendo do meu estado de espírito.

c) É o caminho para ser consagrado ou consagrada sendo o principal ir para Sacerdote ou Irmã de uma consagração.

2 - Quem tem vocação?

a) São poucos os que têm vocação.

b) Todos temos, pois, todos somos chamados a responder a Deus que nos chama.

c) Só têm vocação quem quer ser Sacerdote ou Irmã.

3 - Qual é a principal ação para ajudar nas vocações (nossas e dos outros)?

a) Não há nada a fazer, só Deus sabe quem quer chamar.

b) Rezar, devemos começar por rezar e rezar sempre e muito pelas vocações.

c) Devemos estar sempre a perguntar aos outros se sentem vocação.

4 - Porque me devo preocupar com este tema das vocações?

a) Se pensarmos como é e foi importante para nós a vida de muitos padres que nos salvam a começar pelo Papa Francisco. Alguém os ajudou e orientou. Pensar que eu posso ser esse alguém que pode fazer a diferença. É nossa responsabilidade estar atentos e orientar.

b) A verdade é que se não tiver vocação não me devo preocupar nem um bocadinho com este tema.

c) Porque muitas vezes, se me preocupar olham para mim com bons olhos.

5 - Para além de rezar quais os passos que implica descobrir a vocação?

a) Qualquer vocação implica ter um curso ou estudos do ensino superior.

b) Qualquer vocação implica ter alguém na família com uma vocação sacerdotal.

c) Qualquer vocação implica um tempo de procura amadurecimento, com várias etapas sempre alicerçadas na escuta do acolhimento da Palavra, alimentados pela Eucaristia e na abertura à ação do Espírito Santo.

6 - O caminho da descoberta da nossa vocação é um caminho fácil?

a) Este tempo de procura e amadurecimento, nem sempre é linear e fácil; pode até haver muita turbulência, indecisões, medos... "é possível perder-se, deixar-se cegar pelas ilusões em vez de seguir o farol luminoso que o conduz ao porto seguro". Mas Deus nunca nos deixa sós.

b) Sim é um caminho muito fácil pois a resposta é muito clara e quando se é Santo ainda mais fácil é.

c) Nem é um caminho, ou se tem vocação ou não.

7 - Quando somos chamados a deixar a margem segura para abraçar um estado de vida como: o matrimónio; o sacerdócio ordenado, a vida consagrada ou até mantermo-nos fiéis ao nosso batismo servindo ou outros à imagem de Deus, muitas vezes ficamos incrédulos e até com medo. O que é preciso para ultrapassar?

a) Precisamos de coragem e fé. Deus conhece-nos e sabe as nossas dúvidas e dificuldades e diz: "Não tenhas medo! Eu estou contigo".

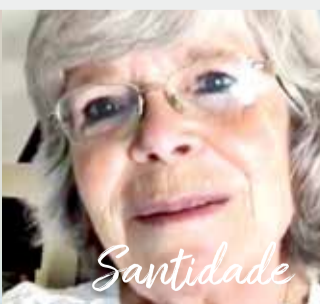
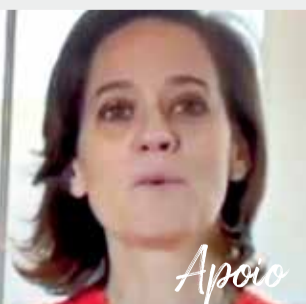
b) Precisamos de partir para outro caminho, pois se temos dúvidas e medos o melhor é afastarmo-nos.

c) Às vezes Deus pode se enganar, precisamos de ter a certeza na hora ou nada feito.



DIA MUNDIAL DE ORAÇÃO PELA SANTIFICAÇÃO DOS SACERDOTES

No dia 11 de junho, celebrámos o Dia Mundial de Oração pela Santificação dos Sacerdotes. A este propósito, reunimos, em três vídeos, os testemunhos de muitas pessoas sobre a importância dos sacerdotes nas suas vidas. Os vídeos estão disponíveis no site do Setor de Animação Vocacional do Patriarcado de Lisboa: <http://vocacoes.patriarcado-lisboa.pt>.





com **Aura Miguel**
Jornalista da Rádio Renascença,
à conversa com Diogo Paiva Brandão

Roma /09

“Não esquecer a forma como Deus entrou na nossa vida”

O Papa Francisco agradeceu o trabalho dos leigos. Na semana em que propôs o diálogo e a amizade contra a polarização e os jogos de poder, o Papa desafiou ao anúncio da “libertação”, encontrou-se com o secretário de Estado norte-americano e dirigiu-se aos cristãos do Médio Oriente.



1. Na catequese da audiência-geral de quarta-feira, dedicada à Carta de São Paulo aos Gálatas, o Papa sublinhou que “nunca devemos esquecer o tempo e a forma como Deus entrou na nossa vida” e, à semelhança do apóstolo, “fixar no coração e na mente aquele encontro com a graça, quando Deus mudou a nossa existência”. Na relação com Deus, “não há nada de casual, porque Ele tece a nossa história e, se correspondermos com confiança ao seu plano de salvação, apercebemo-nos disso”, afirmou Francisco, no passado dia 30 de junho. No Pátio São Dâmaso, naquela que foi a última audiência-geral antes da pausa de julho, o Papa fez votos para que “o período estivo seja uma ocasião para aprofundar a própria relação com Deus e seguir mais livremente o caminho dos seus mandamentos”.

No final do encontro público, o Papa agradeceu a dedicação dos leigos que trabalham no Vaticano. O seu motorista, que naquele dia entrou na reforma, teve direito a uma palavra especial. “Aqui no Vaticano há muita variedade de gente: padres, cardeais, irmãs que trabalham... e tantos leigos, tantos. Hoje, quero chamar a atenção para agradecer um leigo que vai para a reforma: Renzo Cece. Ele começou a trabalhar aos 14 anos, vinha de bicicleta e hoje é o motorista do Papa”, referiu Francisco, pedindo “um aplauso para o Renzo e para toda a sua fidelidade”. “É uma daquelas pessoas que leva a Igreja por diante com o seu trabalho, com a sua benevolência e com a sua oração. Agradeço-lhe muito e aproveito também a oportunidade para agradecer a todos os leigos que trabalham connosco no Vaticano”, acrescentou.

2. “Sejamos artífices corajosos e apaixonados do diálogo e da amizade” é o desafio que o Santo Padre lança na edição de julho de ‘O Vídeo Papa’, a propósito da intenção que Francisco confia à Igreja através da sua Rede Mundial de Oração. “O Papa propõe que se vá muito mais além dos grupos de amigos e se construa a amizade social, para assim resolver os conflitos e as causas das divisões que existem na sociedade e entre as pessoas. Só por meio do diálogo, diz o Santo Padre, é possível evitar as constantes polarizações e inimizades sociais que destroem tantas relações”, refere um comunicado. Francisco reconhece que nem sempre é fácil “fugir da inimizade social”, principalmente “quando parte da política, da sociedade e dos media está decidida a criar inimigos, para derrotá-los num jogo de poder”.

3. Pedro e Paulo são “duas colunas angulares da Igreja”, mas “no centro da sua história, não está a própria destreza, mas o encontro com Cristo que lhes mudou a vida”, disse o Papa, na Missa solene que celebrou na Basílica de São Pedro, a 29 de junho, explicando que os dois apóstolos “fizeram a experiência de um amor que os curou e libertou e, por isso, tornaram-se apóstolos e ministros de libertação para os outros”. Francisco considerou que “só uma Igreja liberta é uma Igreja credível” e que a necessidade de libertação é para todos. “Como Pedro, somos chamados a ser libertos da sensação da derrota face à nossa pesca por vezes malsucedida; a ser libertos do medo que nos paralisa e torna medrosos, fechando-nos nas nossas seguranças e

tirando-nos a coragem da profecia”, disse o Papa. E acrescentou: “Como Paulo, somos chamados a ser libertos das hipocrisias da exterioridade; libertos da tentação de nos impormos com a força do mundo, em vez da debilidade que deixa espaço a Deus; libertos duma observância religiosa que nos torna rígidos e inflexíveis; libertos de vínculos ambíguos com o poder e do medo de ser incompreendidos e atacados”.

O Papa saudou ainda a delegação do Patriarcado Ecuménico de Constantinopla, enviada pelo Patriarca Bartolomeu: “A vossa amável presença é um sinal precioso de unidade no caminho de libertação das distâncias que, escandalosamente, dividem os crentes em Cristo”.

4. O Papa Francisco manifestou a sua “afeição” pelo povo americano no encontro desta segunda-feira, 28 de junho, com o secretário de Estado dos Estados Unidos, Antony Blinken. A Santa Sé revelou, em comunicado, que o encontro durou cerca de 40 minutos, no Palácio Apostólico, e “decorreu numa atmosfera cordial”, segundo o porta-voz do Vaticano, Matteo Bruni: “Foi, para o Papa, uma ocasião para recordar a sua visita de 2015 e expressar o seu afeto e atenção ao povo dos Estados Unidos da América”. O secretário de Estado norte-americano descreveu a conversa com o Papa como “extremamente calorosa e abrangente” e elogiou “a forte liderança de Sua Santidade na pandemia, na mudança climática, na defesa da dignidade humana”.

5. O Papa Francisco enviou uma carta aos Patriarcas Católicos do Médio Orien-

te, que consagraram as suas comunidades à Sagrada Família no passado Domingo, 27 de junho. “A consagração à Sagrada Família convida também cada um de vós a redescobrir, como pessoa e como comunidade, a vossa vocação de ser cristão no Médio Oriente, não só pedindo o justo reconhecimento dos vossos direitos como cidadãos originários dessas queridas terras, mas também vivendo a vossa missão de guardiães e testemunhas das primeiras origens apostólicas”, escreveu o Papa, recordando a imagem do tapete, que utilizou durante a sua recente viagem ao Iraque, para expressar a unidade na riqueza da diversidade que se vive naquelas regiões do mundo. “Usei a imagem do tapete que as mãos hábeis de homens e mulheres do Médio Oriente sabem tecer, criando geometrias e imagens preciosas, fruto do entrelaçamento de numerosos fios que só estando juntos, lado a lado, se tornam numa obra-prima. Se a violência, a inveja e a divisão podem vir a rasgar um desses fios, todo o conjunto fica ferido e desfigurado”, explicou, agradecendo o testemunho destes cristãos e a sua coragem no perseverar na fé, convidando-os “a viver a profecia da fraternidade humana”. “Sejam o sal das vossas terras, deem sabor à vida social, desejosos de contribuir para a construção do bem comum, segundo aqueles princípios da Doutrina Social da Igreja que tanto precisam de ser conhecidos”. Também neste Domingo, no final do Angelus, Francisco convidou todos a “implorar a misericórdia de Deus e a paz para aquela região” do Médio Oriente e invocou, para aquelas populações, “fortaleza, perseverança e coragem”.

Diocese de Guaira é o retrato da pobreza em que se encontra a Venezuela

Sorrisos de esperança

É apenas uma das dioceses da Venezuela. Mas o que se passa em Guaira retrata, com fidelidade, o drama que se vive em todo o país, com cada vez mais pessoas de mão estendida, numa angústia que parece não ter fim. De Guaira chegam-nos também histórias de gente extraordinária, de irmãs que estão no meio do povo, no meio dos pobres, e que são sinal de esperança, mesmo quando muitas vezes pouco mais têm para oferecer do que a ternura dos seus sorrisos...



A situação agrava-se de dia para dia. A Venezuela é um país mergulhado numa crise sem fim com uma população amargada pela fome, com uma inflação que cresce sem parar, com famílias incapacitadas para comprar o pão ou medicamentos. A Venezuela é um país onde falta quase tudo. As prateleiras vazias das lojas são o sinal do desmoronamento de um país onde a farinha, o arroz, o leite ou artigos de higiene parecem ser já um luxo inacessível à maior parte das pessoas. É assim em todo o lado. É assim também em Guaira. Nesta diocese, perante o desalento geral, quando tudo parece estar a desmoronar-se, sobram os gestos, o carinho e a coragem de um punhado de mulheres consagradas a Deus. São apenas 46 irmãs, mas parecem ser muitas mais graças à energia contagiante com que todos os dias vão ao encontro dos mais pobres dos pobres, das famílias mais desesperadas, dos que já tantas vezes desistiram de lutar.

Quarenta e seis heroínas

É rara a família em Guaira que não tenha visto um filho, um irmão, um sobrinho,

um vizinho a partir rumo ao estrangeiro, procurando fora de portas aquilo que a Venezuela já não consegue oferecer. É um país a esvaír-se, a sangrar. Calcula-se que cerca de cinco milhões de venezuelanos já atravessaram as fronteiras. A maioria para a Colômbia. “Nós permanecemos com os pobres”, diz a Madre Felipa. Esta religiosa espanhola, das Irmãs Pobres, está em Maiquetia. Ao contrário dos que partem, ela fica junto do povo que adotou como seu, junto dos que precisam de si mesmo quando pouco mais tem para lhes oferecer do que o seu sorriso bondoso. Partir seria trair aquelas pessoas, avós e netos de olhar triste, famílias com doentes a seu cargo, casas com pessoas com fome e panelas vazias... Maria Larissa é outra destas 46 heroínas. Ela pertence a outra congregação, as Irmãs Missionárias da Caridade. Tal como a Madre Felipa, também não é venezuelana. Veio da Índia e tal como ela também o seu vocabulário se reduz quase por completo à palavra amor. São nove religiosas que tomam conta, entre outras, de 21 crianças com síndrome de Down.

Sopa dos pobres

Na Diocese de Guaira há cada vez mais sem-abrigo, pessoas que se reduziram à condição de sobreviventes, que esgravatam os caixotes do lixo à procura de migalhas de comida. O bairro dos pobres chama-se ‘Esperança’ e é aí, na Paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, que vamos encontrar outras destas mulheres heróicas que conseguem transformar o muito pouco naquilo que dá alento à vida. A fé tem ajudado o trabalho de Socorro, Orfília e Milange. Um pouco mais ao lado, na Paróquia de San Sebastián, Amélia, Nelida e Bárbara, três irmãs Missionárias Eucarísticas de Nazaré têm conseguido o prodígio de manter acesa (talvez cheia seja melhor, não?) a panela da “sopa dos pobres”. Além de comida quente, também distribuem roupa e muitas vezes são acompanhadas por médicos que, voluntariamente, dão assistência e prestam apoio a estas populações sem recursos. As filas para a sopa crescem de dia para dia, sinal de que a fome é cada vez maior na Venezuela.

Absoluta pobreza

O Bispo de Guaira já esteve em Portugal. Foi em 2017. Esteve em Fátima durante a peregrinação internacional da Fundação AIS ao Altar do Mundo. D. Raúl Biord Castillo falou do seu país, explicou como é triste e lamentável perceber como tantas pessoas caíram na mais absoluta pobreza num país que já foi tão rico, e pediu a nossa ajuda. Quatro anos depois, D. Raúl poderia repetir as mesmas palavras, poderia contar as mesmas histórias e poderia voltar a pedir ajuda para o seu povo cada vez mais empobrecido, cada vez mais resignado face a uma realidade que trucidou a esperança das famílias, que silencia os sonhos dos jovens, que amargura os últimos dias da vida dos mais velhos. Em Fátima, D. Raúl contou várias histórias, todas com o mesmo sentido, todas a descreverem a mesma realidade: a pobreza extrema e a solidariedade sem limites. “Desde que o Papa me nomeou bispo, encontro-me numa diocese pobre, onde os sacerdotes e as religiosas trabalham muito, mas não têm ordenado... onde as pessoas colaboram com o que têm, embora a maioria das vezes não tenham nem para comer. E são muitos os que vêm bater à porta das casas paroquiais, das religiosas para pedir comida...” D. Raúl pediu ajuda em Fátima para os pobres de uma diocese que é o retrato da pobreza em que se encontra a Venezuela. Uma diocese de onde nos chegam histórias de pessoas extraordinárias, de irmãs que estão no meio do povo, no meio dos pobres, e que são sinal de esperança mesmo quando muitas vezes pouco mais têm para oferecer do que apenas a ternura dos seus sorrisos...

texto por Paulo Aido,
Fundação Ajuda à Igreja que Sofre



De Guaira chegam-nos histórias de pessoas extraordinárias que são sinal de esperança no meio dos pobres.



D. Raúl pede ajuda para os pobres da sua diocese.



Na Venezuela a fome é cada vez maior.

www.fundacao-ais.pt | 217 544 000

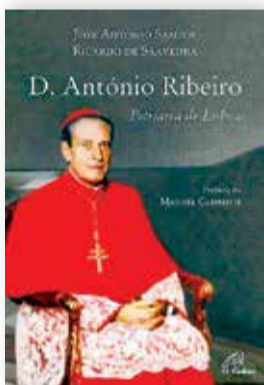
SUGESTÃO CULTURAL

D. António Ribeiro Patriarca de Lisboa

O livro 'D. António Ribeiro Patriarca de Lisboa', da autoria dos jornalistas José António Santos e Ricardo de Saavedra, revela aspetos desconhecidos da vida do antigo Cardeal-Patriarca de Lisboa. "Quando se completam 50 anos sobre a data da tomada de posse do 15.º Patriarca de Lisboa (29 de junho de 2021) a Editora Paulinas acaba de dar à estampa a segunda edição revista e aumentada do livro D. António Ribeiro Patriarca de Lisboa. Da edição de 1996, com a chancela da Editorial Notícias, em apenas uma semana venderam-se três mil exemplares. A obra agora republicada, enriquecida com prefácio de D. Manuel Clemente, revela aspetos desconhecidos da vida de D. António Ribeiro que evidenciam o caráter de um Homem de Deus inteiramente dedicado à sua Igreja, com os olhos postos na sociedade portuguesa em favor dos direitos humanos, da justiça e liberdade", frisa a sinopse.

Informações:

www.paulinas.pt/dom-antonio-ribeiro



À PROCURA DA PALAVRA

DOMINGO XIV COMUM ANO B

«Um profeta só é desprezado na sua terra,
entre os seus parentes e em sua casa».

Mc 6, 4



pele P. Vítor Gonçalves

A verdade inesperada

Um polígrafo é o nome dado a uma máquina de detectar mentiras. Graças às inúmeras redes de comunicação, à rapidez com que se produzem conteúdos, à multiplicação das fontes, ao aumento de "notícias falsas" que se espalham como verdadeiras, este é um instrumento precioso. Principalmente porque a desistência de pensar de muitos, o bombardeamento de distrações constantes, e a "selfização" de todos os momentos para "partilhar" com "sabe-se lá quem", não deixam lugar ao gosto da verdade. Será que o medo de exprimir pensamento próprio e levantar questões não domina muitos dos espaços privados e públicos? E assim a inteligência e a consciência não correrão o risco de ficar "raqüíticas"?

Muitas eram as expectativas em torno do Messias de Israel. A maior parte delas construída em torno de ideias de "poder, domínio e realeza" que estabeleceriam o domínio próprio de

uma grande nação e prolongariam o estatuto hierárquico dos mais fortes, dos mais ricos, e dos mais religiosos. Alguns lembravam-se que estava escrito que o messias seria também para os pobres, curaria os doentes, libertaria os oprimidos e iria fazer um mundo novo. Mas um mundo novo com critérios de igualdade e fraternidade nunca agradaria aos que se julgavam mais do que os outros! Naquele e em todos os tempos!

Jesus foi à sua terra, onde tinha crescido como outros meninos da sua idade. Já o rodeava uma fama considerável e muitos ouvem a sabedoria das suas palavras. Ficam admirados e fazem as perguntas fundamentais: "Donde lhe vem tudo isso?". Mas não aprofundam. Desistem da verdade, pois isso implica porem-se em questão, abrirem-se ao Deus inesperado que interpela a renovar a vida. É mais fácil agarrarem-se às "verdades" que conhecem, às justificações da "terra" em vez de

abraçar a novidade do "Céu" que Jesus lhes traz. Recusam a ousadia da fé e a coragem de se maravilharem. Acobardam-se na estreiteza do pensamento e do coração, tão própria de quem se julga dono da verdade. Não há milagres para quem recusa abrir-se à grandeza de Deus! Sempre os verdadeiros profetas desacomodaram. Suportamos mal a correção e o "abre-olhos" das suas palavras. Sobretudo se nos chegam de quem é mais próximo. É difícil acolher uma palavra que abala as nossas certezas, agita os nossos hábitos e, sobretudo, denuncia a autossatisfação secreta que nos protege. Será que nos damos conta que todos participamos da missão profética de Jesus pelo Baptismo? Como cultivamos este serviço de misericórdia na "terra" que é a nossa, e o acolhemos de tantos conhecidos e amigos? Que milagres inesperados pode Jesus realizar connosco no meio de nós?

DOMINGO XV DO TEMPO COMUM - B (11 DE JULHO)

USO LITÚRGICO	CÂNTICO	COMPOSITOR	FONTE
Entrada	Eu venho, Senhor, à vossa presença	A. Cartageno	CEC II 57 / CN 457
Ofertório	O Senhor enviou os seus Apóstolos	F. Silva	IC 601
Ofertório	O Senhor enviou os seus discípulos	A. Cartageno	Não publicado
Ofertório / Pós Comunhão	Bendito seja Deus, Pai de nosso Senhor	C. Silva	OCoc 59
Ofertório / Final	Ide por todo o mundo e proclamai	J. Santos	CN 536
Comunhão	Quem come a minha carne	C. Silva	CEC II 78 / CN 839
Comunhão / Pós Comunhão	Felizes os que moram em vossa casa	P. Miranda	CN 488
Final	Ide por todo o mundo	M. Luís	SR 296 / CN 537



DEPARTAMENTO
DE LITURGIA DO
PATRIARCATO
DE LISBOA

SIGLAS | CEC - Cânticos de Entrada e Comunhão, vol. I-II, Secretariado Nacional de Liturgia | CN - Cantoral Nacional para a Liturgia, Secretariado Nacional de Liturgia - Serviço Nacional | IC - Igreja Canta, Comissão Bracarense de Música Sacra, Braga 2001. | OCoc - Carlos Silva, Orar Cantando. Obras Completas, Secretariado Nacional de Liturgia, Fátima 2014.



Tweets da Semana

“Setenta anos atrás, o Papa Bento XVI foi ordenado sacerdote. Ao senhor, Bento, querido pai e irmão, vai o nosso afeto, a nossa gratidão e a nossa proximidade. Obrigado pelo seu testemunho crível. Obrigado pelo seu olhar continuamente dirigido ao horizonte de Deus.”

29 de junho

“Pedro e Paulo não acreditavam em palavras, mas nos atos. Pedro não falou de missão, era pescador de homens; Paulo não escreveu livros eruditos, mas cartas vivas, enquanto viajava e testemunhava.”

29 de junho

“Irmã, irmão, deixe que Jesus olhe e cure o seu coração. E se você já experimentou o Seu terno olhar sobre si, imite-o, faça como Ele. Leve uma carícia aos feridos no coração, que encontramos todos os dias.

#EvangelhoDoDia (Mc 5,21-43)”

27 de junho

Papa Francisco @Pontifex_pt

“O encontro com Jesus é o que nos salva como pessoas, não apenas nas nossas circunstâncias negativas, mas a nós próprios, como pessoas, como vidas!”

27 de junho

D. Manuel Clemente @patriarcalisboa



Editorial

ROSTO DE JESUS NO MUNDO

P. Nuno Rosário Fernandes, diretor
p.nunorfernandes@patriarcado-lisboa.pt



O que nos faz felizes? Certamente já nos fizeram esta pergunta, ou já teremos pensado sobre ela. O mundo oferece muitas possibilidades para encontrar um sentido de felicidade na vida, seja no dinheiro, no consumismo, na ambição, no desejo de ter poder, na liberdade para fazer o que bem se entende, etc. A felicidade está, por isso, ao alcance de todos, e cada um escolhe o caminho para a alcançar, de acordo com os valores que considera prioritários e aplica-os segundo a sua consciência e os valores morais que apreendeu ao longo da vida.

Há coisas no mundo que podem dar-nos uma sensação de felicidade, mas sê-lo-ã efetivamente? A resposta será individual e não me cabe julgar o que cada um vive, mas a intenção é colocar a pergunta.

O mundo procura a felicidade na realização dos seus desejos. Mas será a concretização dos desejos pessoais a forma de alcançar a verdadeira felicidade? Ao longo da vida, tenho percebido que a felicidade não está,

tanto, em fazer o que eu quero, o que eu desejo, porque muitas vezes os meus desejos podem afastar-me da verdadeira felicidade e dar apenas uma ilusão do que é ser feliz. A felicidade não está em fazer o que eu quero, mas em procurar fazer o que Deus quer para mim. Porque, de todas as vezes que faço o que, apenas eu, quero, confronto-me com o sentimento contrário, de infelicidade, de tristeza, por não ter sido capaz de corresponder à vontade de Deus, e deixar-me guiar pela minha vontade. O Apóstolo São Paulo, cuja memória celebrámos esta semana, deixou registado na primeira carta à comunidade de Corinto uma expressão que serviu de inspiração à cantora Sara Tavares no tema ‘Escolhas’: “«Tudo me é permitido», mas nem tudo é conveniente. «Tudo me é permitido», mas eu não me farei escravo de nada” (1Cor 6,12). É por isso que a nossa vida deve ser vivida procurando a felicidade na vontade de Deus, e segundo São Francisco de Sales, “quem quer o que

Deus quer tem o tudo o que quer”. Quem procura viver a santidade na vida, e essa deve ser desejo de todo o cristão, deverá ter como mote na vida ‘fazer a vontade de Deus’. Mas esse é o desafio de cada dia: procurar ser feliz fazendo coincidir vontades – a nossa e a de Deus. No entanto, quando não há coincidência, que se faça a d’Ele, mesmo que nos custe não fazer a nossa. Ai, acertamos sempre e não nos arrependemos, dizem os padres espirituais. Este Domingo, vão ser ordenados, no Mosteiro dos Jerónimos, novos sacerdotes para o Patriarcado de Lisboa. Esta semana, oito padres desta nossa diocese celebraram as suas bodas de prata, e muitos estão a celebrar o aniversário da sua ordenação. O padre é um dom de Deus na Igreja e no mundo, mesmo que o mundo, muitas vezes, não o reconheça, também pelas fragilidades humanas dos padres. Mas a felicidade do padre passa, também, por poder levar felicidade aos outros, sendo rosto de Jesus no mundo.

FICHA TÉCNICA

Registo n.º 100277 (DGCS) - Depósito legal: 137400/99; Propriedade: Nova Terra, Empresa Editorial, Lda.; Gerência: Francisco José Tito Espinheira, Joaquim Daniel Vieira Loureiro e Maria Teresa Alves Vieira Novo; Capital Social: 100.000 euros - Seminário Maior de Cristo Rei (95%) e Patriarcado de Lisboa (5%); NIPC: 500881626; Editor: Nova Terra, Empresa Editorial, Lda.; Tiragem: 5300 exemplares; Diretor: P. Nuno Rosário Fernandes (p.nunorfernandes@patriarcado-lisboa.pt); Site: www.vozdaverdade.org; Redação: Diogo Paiva Brandão (diogopb@patriarcado-lisboa.pt), Filipe Teixeira (filipeteixeira@patriarcado-lisboa.pt); Colaboradores regulares: Aura Miguel, P. Vítor Gonçalves; Fotografia: Arlindo Homem, Filipe Amorim, Luís Moreira; Opinião: António Bagão Félix, A. Pereira Caldas, Guilherme d’Oliveira Martins, Isilda Pegado, José Luís Nunes Martins, P. Alexandre Palma, P. Duarte da Cunha, P. Gonçalo Portocarrero de Almada, P. Manuel Barbosa, P. Nuno Amador, Pedro Vaz Patto; Colaboração: Cáritas Diocesana de Lisboa, Departamento de Liturgia, Fundação Ajuda à Igreja que Sofre, FEC - Fundação Fé e Cooperação, Setor de Animação Vocacional, Setor da Pastoral Familiar, Serviço da Juventude, Comissão Justiça e Paz dos Religiosos; Design Gráfico e Paginação: Divide by Two, Lda - www.dividebytwo.pt | office@dividebytwo.pt; Pré-impressão e impressão: Empresa do Diário do Minho, Lda. - Rua de São Brás, 1, Gualtar, 4710-073 Braga - comercial@diariodominho.pt - Tel: 253303170; Distribuição: Urgentissimo Transportes, Lda. (Enviália) - Rua Luís Vaz Camões, s/n, Zona Industrial Arenas, 2560-684 Torres Vedras - Tel: 261323474; Sede do Editor e Sede da Redação: Mosteiro de São Vicente de Fora - Campo de Santa Clara 1100-472 Lisboa - vozverdade@patriarcado-lisboa.pt; Serviços Administrativos: Sara Nunes, de 2ª a 6ª-feira, das 9h00 às 16h00, Tel: 218810556, Fax: 218810555, saranunes@patriarcado-lisboa.pt.



ASSINE JÁ!

Faça a sua assinatura e receba o jornal, em sua casa, durante um ano.

Faça hoje mesmo a sua assinatura, escolhendo uma das seguintes opções:



218 810 556
2ª a 6ª feira, entre as 9h00 e as 16h00



saranunes@patriarcado-lisboa.pt
Envie um email com os seus dados



Preencha, destaque e envie o cupão

Complete a assinatura fazendo o pagamento através do NIB 001800003724403600184, cheque ou vale postal, à ordem de Nova Terra, Empresa Editorial, Lda. O envio do comprovativo ou do meio de pagamento deverá ser feito para Nova Terra Empresa Editorial, Lda. Mosteiro de São Vicente Fora - Campo de Santa Clara - 1100-472 Lisboa; fax: 218 810 555; email: saranunes@patriarcado-lisboa.pt

Nome _____

Morada _____

Código postal _____ - _____ Telefone _____

Email _____ NIF _____ N.º Assinante _____

Assinatura anual: Individual (20 €) Benfeitor (25 €) Benemérito (30 €)